

A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES PESSOAIS E A CONSTRUÇÃO DO LUGAR CONCEITUAL E FÍSICO

uma aproximação entre arquitetura, urbanismo e a
psicologia moderna

*THE CONSTRUCTION OF PERSONAL IDENTITIES AND THE CONSTRUCTION OF
CONCEPTUAL AND PHYSICAL PLACE*
an approximation between architecture and modern psychology

*LA CONSTRUCCIÓN DE IDENTIDADES PERSONALES Y LA CONSTRUCCIÓN DEL
LUGAR CONCEPTUAL Y FISICO*
una aproximación entre la arquitectura y la psicología moderna

Jéssica de Souza Silva

*Graduanda, DEAAU – Departamento Acadêmico de Arquitetura e
Urbanismo da UTFPR –
Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
jessica.1997@alunos.utfpr.edu.br.*

Karina Scussiato Pimentel

*Dr. Arquiteta, Professora Magistério Superior.
DEAAU – Departamento Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo da UTFPR
Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
kspimentel@professores.utfpr.edu.br*

RESUMO

A partir do envolvimento do indivíduo com as construções em uma relação além dos fatores físicos e funcionais, esta aproximação com a psicologia moderna propõe ao leitor um olhar sensível para arquitetura e urbanismo através da difusão do reconhecimento do real valor e importância dos lugares para o desenvolvimento humano; o presente estudo resulta-se da investigação acerca da construção de identidades pessoais relacionada à construção de lugares conceituais e físicos. Além da necessidade inata de garantir o seu próprio valor e lugar na sociedade, o indivíduo se envolve com a arquitetura em um evento que emerge da relação sensorial entre o sujeito e uma construção. A importância do lugar para os movimentos sociais e para a constituição de identidades culturais está justamente na sua indissociabilidade com a experiência do indivíduo, e consequentemente, com a sua existência e identidade pessoal. Cabe a arquitetura e ao urbanismo promoverem lugares fluidos e inclusivos que possibilitem uma relação saudável e profunda para todas as pessoas, sem distinções. Nesta relação a psique deve encontrar sustento para construir uma identidade pessoal. Portanto, para evidenciar a urgência por um olhar mais sensível para com as construções, as autoras investigam a fundo a relação entre as construções arquitetônicas e a construção de identidades e realizam uma tentativa de classificar as interações entre a arquitetura e ambas as capacidades da psique, os sentidos, a memória e o espaço tempo.

PALAVRAS-CHAVE: sensibilidade, identidade pessoal, arquitetura urbanismo e psicologia moderna, fluida, inclusiva.

ABSTRACT

As of the individual's involvement with constructions in a relationship beyond physical and functional factors, this approximation with modern psychology proposes a sensitive look at architecture and urbanism through the diffusion and recognition of the real value and importance of places for the human development; the present study is the result of the investigation about the construction of personal identities related to the construction of conceptual and physical places. In addition to the innate need to guarantee their own value and place in society, the individual engages with architecture in an event that emerges from the sensorial relationship between the subject and the construction. The importance of the places for social movements and for the constitution of cultural identities is precisely in its indissociability with the experience of the individual, and consequently, with his existence and personal identity. It is up to architecture and urbanism to promote fluid and inclusive places that enable a healthy and profound relationship for all people, without distinction. In this relationship, the psyche must find support to build a personal identity. Therefore, to highlight the urgency for a more sensitive look at constructions, the authors investigate in depth the relationship between architectural constructions and the construction of identities and make an attempt to classify the interactions between architecture and both capacities of the psyche, senses, memory and space-time.

KEYWORDS: sensitivity, personal identity, architecture urbanismo and modern psychology, fluid, inclusive.

RESUMEN

A partir de la implicación del individuo con las construcciones en una relación más allá de los factores físicos y funcionales, esta aproximación con la psicología moderna propone al lector una mirada sensible a la arquitectura y el urbanismo a través de la difusión del reconocimiento del valor y de la importancia de los lugares para el desarrollo humano; el presente estudio es el resultado de la investigación sobre la construcción de identidades personales relacionadas con la construcción de lugares conceptuales y físicos. Además de la necesidad innata de garantizar su propio valor y lugar en la sociedad, el individuo se relaciona con la arquitectura en un acontecimiento que surge de la relación sensorial entre el sujeto y una construcción. La importancia del lugar para los movimientos sociales y para la constitución de las identidades culturales radica precisamente en su indisolubilidad con la experiencia del individuo y, en consecuencia, con su existencia e identidad personal. Por lo tanto corresponde a la arquitectura y al urbanismo promover lugares fluidos e inclusivos que permitan una sana y profunda relación entre todas las personas, sin distinción. En esta relación, la psique debe encontrar apoyo para construir una identidad personal. Por lo tanto, para resaltar la urgencia de una mirada más sensible a las construcciones, las autoras investigan en profundidad la relación entre las construcciones arquitectónicas y la construcción de identidades y hacen un intento de clasificar las interacciones entre la arquitectura y ambas las capacidades de la psique, los sentidos, la memoria y el espacio-tiempo.

PALABRAS CLAVES: sensibilidad, identidad personal, arquitectura urbanismo y psicología moderna, fluida, inclusiva.

INTRODUÇÃO

A construção da identidade pessoal se desenvolve de forma natural e afetuosa em uma relação dinâmica e ambígua entre o indivíduo e seus objetos-lugares. A partir dos três anos de idade pode-se observar que um sujeito naturalmente classifica e qualifica lugares específicos para sujeitos específicos. Além disso, desde crianças as pessoas demonstram uma necessidade inata de garantir o seu próprio valor e lugar na sociedade.

A evolução e transformação constante dos seres humanos é resultado de suas relações com os objetos, e a busca incessante do indivíduo por pertencimento faz dos lugares os objetos mais atraentes. A partir de uma prazerosa sensação de continência ao lugar, a pessoa pode iniciar uma interação corporal que a levará a uma conversa inconsciente com a construção.

Entretanto, além de contentoras, as construções devem ser flexíveis o suficiente para permitir a liberdade necessária ao desenvolvimento e evolução do indivíduo. Ao se distrair com a autonomia de características dinâmicas e elusivas de um edifício, o sujeito se torna menos influenciado por julgamentos racionais do ego, e assim, abre espaço para os pensamentos da mente inconsciente.

Mesmo a arquitetura que encerra a paisagem das cidades com a qual a sociedade interage diariamente pode ser apreciada esteticamente, ela afeta os indivíduos de forma profunda e pode ainda abrir possibilidades imprevistas para o desenvolvimento pessoal, permitindo que coisas inesperadas se tornem conscientes. A relação sensorial entre o indivíduo e uma construção possibilita uma relação profunda, na qual a psique encontra sustento para construir uma identidade pessoal saudável.

Além disso, do mesmo modo que se pode fazer com palavras, a arquitetura e urbanismo pode facilitar grandes *insights* e sugerir ideias sobre inteligência, bondade, igualdade, inclusão, representatividade, preconceito, arrogância, ou ainda sobre democracia ou aristocracia.

Portanto, ao elencar e evidenciar as relações entre ambas as capacidades da psique, os sentidos, a memória e o espaço tempo, os arquitetos e urbanistas podem encontrar novas diretrizes projetuais para construir uma arquitetura fluida e inclusiva.

A CONSTRUÇÃO DO LUGAR CONCEITUAL

De maneira ampla, ao definir o lugar como um centro de valor, alimento e apoio, o geógrafo humanista Yi-Fu Tuan (2015) identifica a mãe – ou o cuidador principal – como o primeiro lugar para uma criança, onde a criança reconhecerá seu abrigo essencial e fonte segura de bem-estar físico e psicológico. Assim como um indivíduo explora o mundo ao sair de casa, uma criança inicia suas próprias explorações do espaço ao engatinhar para longe de sua mãe.

No decorrer de seu crescimento e desenvolvimento a criança passa a se relacionar e se apegar a objetos. Desde suas primeiras interações com os objetos grandes que lhe pertencem, a relação que se desenvolve entre a criança e o objeto-lugar é ambivalente. A cadeira de refeições por exemplo, qualifica um objeto-lugar de pertencimento onde a criança

obtém tanto alimentos que lhe promovem satisfação e nutrição, quanto experiências que desagradam seu paladar.

Para a criança, as coisas se tornam mais reais quando possuem nomes próprios e podem ser classificadas de alguma maneira, por isso, assim que começa a falar, por volta dos 2 anos de idade, a criança já se interessa em saber o nome das coisas. Segundo o psicólogo americano Arnold Gesell (1950), entre os 3 e 4 anos de idade a criança naturalmente associa pessoas a lugares específicos, e em decorrência de seu processo de classificação ainda em estado de desenvolvimento, encontrar sua professora do jardim de infância no centro da cidade, por exemplo, perturbaria o sistema de classificação da criança, pois a professora estaria deslocada de seu lugar predefinido.

Então, como se estrutura a identidade pessoal de uma criança que não visualiza, e, portanto, não classifica pessoas de sua mesma etnia, raça ou gênero para posições importantes e relevantes na sociedade? E como se cultiva a personalidade da criança que qualifica apenas pessoas de sua própria etnia, raça ou gênero para tais posições? As afirmações feitas por Gesell nos anos 50 manifestam sucintamente a importância da representatividade para o desenvolvimento da humanidade e da cidadania.

Ainda durante a infância, pode-se examinar o desejo e a necessidade do sujeito de garantir seu próprio valor e lugar na sociedade. Tuân observa que assim que outra criança ameaça se apossar de um objeto ou lugar até então irrelevante, este instantaneamente adquire maior valor para a criança que o tem como propriedade. No entanto, assim que readquire o controle absoluto de seu objeto ou lugar de posse, o interesse da criança por este rapidamente acaba.

Todos os seres humanos possuem seus próprios pertences, e provavelmente todos tenham necessidade de ter um lugar próprio, seja uma cadeira no quarto ou um canto preferido em qualquer lugar (TUÂN, 2015). Da caverna aos dias atuais, a arquitetura é o lugar do abrigo, do acolhimento, do amparo e da proteção. A construção arquitetônica protege o indivíduo não apenas das hostilidades ambientais, mas também do desamparo que acomete o ser humano frente à experiência de existir (NORBERG-SCHULZ, 2001).

O desenvolvimento do conceito de lugar parte do afeto, a casa e a cidade promovem a impressão de que sempre estiveram ali justamente porque foram assimiladas inconscientemente como dados naturais por um processo intuitivo (ROUANET, 2007). Então, como o espaço afetivo é anterior ao espaço geométrico, o senso de humanidade e a sensibilidade devem ser premissas para a construção de qualquer lugar.

Figura 1: Inter-relações Artísticas – Lugar e Identidade



Fonte: De Chirico – Ettore Clerici, Frida Kahlo e Tarsila Do Amaral – Rebeca Fuks.

O LUGAR COMO OBJETO DE PROJEÇÃO

De acordo com o psicanalista americano Christopher Bollas (2008), ao longo da vida, uma pessoa articula seu caráter ou personalidade por meio do uso de objetos. A psique é nutrida pelo encontro, o indivíduo seleciona objetos em busca de uma colisão entre a sua “forma humana” e a “estrutura do objeto” que resulta em sua transformação. Então, a escolha do objeto se determina por sua forma ou aparência estrutural, e essa é a resposta para o motivo pelo qual o ser humano é compelido a selecionar edifícios como objetos favoritos para a elaboração de sua estrutura pessoal.

Qualquer objeto transmite através de seus desenhos uma impressão de atitudes psicológicas e sociais que ele defende, mas essencialmente, o design e a arquitetura falam sobre o tipo de vida que deveria desenvolver-se dentro e ao redor de seus objetos. Os objetos falam de certos estados de espírito que buscam incentivar e sustentar, e convidam o indivíduo a ser um tipo específico de pessoa (DE BOTTON, 2006).

Prédios são objetos visuais ligados a conceitos que se pode facilmente analisar e avaliar. Do mesmo modo que se pode fazer com palavras, grandes ideias sobre inteligência, bondade, juventude ou serenidade por exemplo podem ser transmitidas por pedaços de madeira e corda ou engenhocas de gesso e metal. Esculturas abstratas conseguem falar em sua peculiar linguagem dissociativa sobre temas importantes na vida humana. (DE BOTTON, 2006).

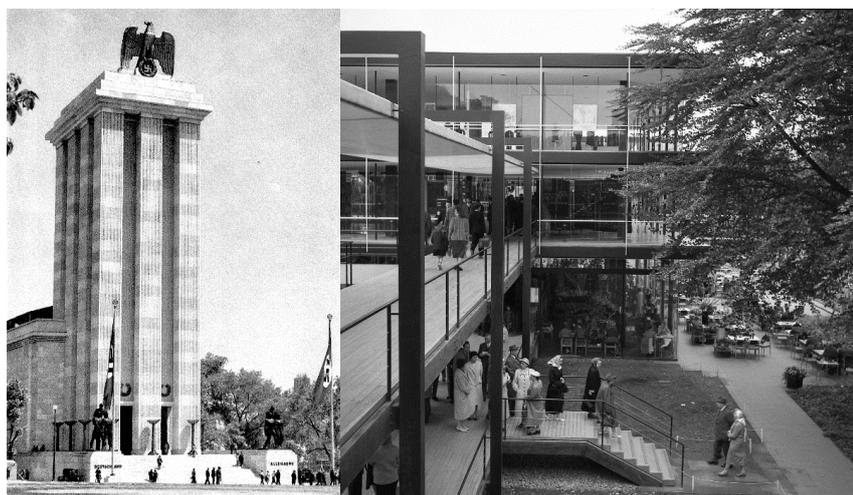
Portanto, cabe aos profissionais da arquitetura e urbanismo, através de seus lugares projetados, promoverem a continência e pertencimento almejados por todas as pessoas, para que toda a sociedade tenha a possibilidade e facilidade de se envolver com os objetos-lugares. E assim que se encontrarem acolhidos e em segurança, os indivíduos se tornarão menos suscetíveis aos julgamentos racionais do ego – muitas vezes estabelecidos por padrões da sociedade –, então, a sensibilidade permitirá aos sujeitos que acessem pensamentos da mente inconsciente. Neste ponto se reconhece a responsabilidade dos arquitetos e urbanistas como artistas comunicadores. Muitas vezes, nas mensagens sugeridas pelos projetistas de cada lugar, as pessoas deverão encontrar sustento para o desenvolvimento de suas identidades pessoais.

(A arquitetura) ... não tem um “significado”, mas um horizonte de significados: uma multiplicidade específica ou indefinida de significados, uma hierarquia mutável na qual ora um, ora outro significado passa momentaneamente ao primeiro plano, por meio de – e para – uma ação particular (LEFEBVRE, 1991, 222).

Ao coagir o indivíduo a perceber suas formas imaginativamente, a arquitetura captura sua atenção inconsciente, e assim proporciona uma oportunidade inestimável de negociar aspectos inconscientes de sua identidade, incluindo conflitos reprimidos, traços de memória e outros fragmentos de experiências. Uma obra arquitetônica pode encorajar o vaguear livre de pensamentos, que poderão passar por caminhos imprevisíveis permitindo a cogitação de novas ideias que estariam inacessíveis por meio de uma abordagem mais direta, racional e lógica. Tais pensamentos podem trazer à tona *insights* sobre a própria identidade do indivíduo, *insights* que a pessoa não havia percebido até aquele momento (HUSKINSON, 2021).

De Botton (2006) compara dois pavilhões criados para feiras mundiais antes e depois da Segunda Guerra Mundial, são eles: a proposta de Albert Speer para a Feira de Paris de 1937, a qual “faz uso das metáforas visuais no seu mais alto grau: altura, massa e sombra”, segundo o autor, pode-se sentir algo ameaçador, agressivo e desafiante mesmo sem olhar para a insígnia do governo que a patrocinou; e o pavilhão para a Feira Mundial de 1958, em Bruxelas, onde Egon Eiermann recorre a um trio de metáforas bem diferente: “horizontalidade para sugerir calma, leveza para dar ideia de delicadeza e transparência para evocar democracia”.

Figura 2: Pavilhão Alemão, Feira de Paris (1937) e Feira de Bruxelas (1958)



Fontes: La Photolith (1937) e Manfred Niemann (1958).

Todos os componentes básicos de uma obra arquitetônica podem ser percebidos e experimentados. Alguns serão prontamente perceptíveis, enquanto outros mais obscuros ao intelecto e aos sentidos do indivíduo. Alguns componentes podem transmitir imagens e significados, enquanto

outros serão qualificadores ou transformadores dessas mensagens (CHING, 1999).

O arquiteto finlandês, Juhani Pallasmaa, considera a projeção uma resposta instintiva que ocorre quando a pessoa inconscientemente reconhece a semelhança entre sua própria forma corporal e a estrutura de um edifício. Para o arquiteto, o indivíduo compreende a escala arquitetônica através da medição inconsciente do edifício por meio do próprio corpo, projetando sua forma corporal no lugar em questão. Então, o indivíduo recebe a prazerosa sensação de continência e inicia um "intercâmbio curioso" descrito como uma "interação corporal" entre o indivíduo e o edifício, como uma voz em uma conversa "inconsciente". Pallasmaa afirma ainda que ao projetar emoções e sensações na estrutura arquitetônica o edifício empresta ao indivíduo sua autoridade e aura, e por meio desta interação a pessoa se encontra, mas em uma versão aprimorada de si (PALLASMAA, 2018).

O LUGAR CONSTRUÍDO EVOCATIVO DE UMA MEMÓRIA EXISTENCIAL

Nas interações com a arquitetura, a psique desperta uma experiência descrita por Bollas (2008) como uma "memória existencial", que marca as primeiras experiências transformacionais vivenciadas em relação ao objeto original de continência de qualquer pessoa, a mãe – ou cuidador principal –, é a memória do momento no qual a autoconsciência gradualmente emerge, com a constatação de que cada pessoa é um ser autônomo, distinto dos objetos e das outras pessoas.

Devido à impossibilidade do indivíduo de recordar cognitivamente o momento de sua primeira transformação em um ser autoconsciente com identidade, o que permanece para ele é o desejo de reviver tal processo transformacional que culminou na criação de sua identidade. É esse desejo que compele o indivíduo, ao longo da vida, a buscar por objetos que ofereçam experiências semelhantes de transformação.

Os objetos de características contentoras, – principalmente objetos com forma, estrutura e proporções semelhantes ao corpo humano que facilitam o processo mimético de medição inconsciente descrito por Pallasmaa – estarão preparados para acionar a "memória existencial" de transformação justamente porque a primeira transformação do indivíduo ocorre pela experiência de uma relação de continência com o objeto contentor à sua forma e semelhança, a mãe – ou cuidador principal –.

Lucy Huskinson, conferencista sênior na Escola de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade de Bangor, no Reino Unido chama de evento arquitetônico a construção da identidade pessoal em resposta ao ambiente construído. E para descrevê-lo com maior clareza, a autora divide o evento em três fases sobrepostas, sendo: o encontro inicial da pessoa com o edifício ou com a característica arquitetônica, em seguida o seu afastamento ou desapego dele, e por último a revelação de uma nova identidade pessoal. Portanto, a continência buscada pelos indivíduos deve ser flexível o suficiente para promover também a liberdade necessária para o desenvolvimento e evolução da pessoa, para que ela possa se defender contra ansiedades de sufocação e restrição, ansiedades que encorajam a compulsão inicial de se separar e se desapegar dos objetos com os quais o indivíduo se funde (HUSKINSON, 2021).

O simples ato de tocar, cheirar ou ouvir um prédio faz com que o indivíduo se abra para um envolvimento corporal completo com as características arquitetônicas, um envolvimento sinestésico que penetra mais profundamente do que a superfície física da pele, que se relaciona com a psique para construir uma identidade pessoal (HUSKINSON, 2021).

Para o filósofo fenomenólogo francês Maurice Merleau-Ponty, nenhum órgão dos sentidos é privilegiado na percepção da arquitetura; todos os sentidos trabalham em conjunto, um se inclui no outro, para que o indivíduo esteja “aberto” às formas que percebe. Para Merleau-Ponty, a “solidez e a fragilidade do vidro” não se tocam apenas através a pele, diz ele:

Pode-se sentir através dos olhos, [assim como] a elasticidade do aço, e o peso de um bloco de ferro fundido afundando na areia; e ouvimos a dureza e a irregularidade das pedras do calçamento das ruas (MERLEAU-PONTY, 1996, p.229).

A RELAÇÃO ENTRE A PSIQUE, A IDENTIDADE E O LUGAR

Enquanto bebê, o ser humano carece de poderes cognitivos de raciocínio, portanto seu envolvimento com os objetos conta com um registro imaginativo. Já na vida adulta, orientado pelo componente racional da psique, o indivíduo pode interpretar a suspensão da consciência como algo desorientador e estranho, podendo se sentir “incomodado” consigo mesmo ou “deslocado” em seu ambiente. O acionamento da imaginação indica que o pensamento racional, que acompanha a atenção direta ou focada nas coisas, foi suspenso, permitindo que a pessoa se envolva com a sua identidade e com o lugar de maneira mais fluida.

Quando uma pessoa espera que um objeto cumpra um propósito particular e o aborda com o objetivo de usá-lo de um modo específico, a psique tende a restringir a percepção da forma e caráter do objeto, o indivíduo o percebe meramente como algo para apropriação imediata. Em contrapartida, se a abordagem é feita de modo inconsciente e despreocupada, a mente se permite a um vaguear livre, e assim, considera sequências de pensamentos inesperados, e se torna mais receptiva ao excedente de significados evocados pelos ambientes construídos (HUSKINSON, 2021).

Os edifícios evocam um pensamento imaginativo e simbólico ao qual Jung (2020) se refere como “não dirigido”. O pensamento “não dirigido” é um “jogo automático de ideias” que “se afasta da realidade para as fantasias do passado ou do futuro”. Quando o indivíduo remove a atenção concentrada no objeto ele deixa de obrigar seus pensamentos a seguirem uma trilha definida, ele os deixa “flutuar, afundar e se elevar de acordo com a sua gravidade específica”. Assim, a pessoa pensa sem direção, e o pensamento “não dirigido” percebe as formas como uma colagem aleatória de associações inconscientes. O inconsciente pensa sem direção ao interligar uma série de imagens, sentimentos, memórias e sensações à percepção que a pessoa tem das coisas.

Portanto, toda arquitetura que não é puramente utilitária, até certo ponto leva o observador para além da vida cotidiana, e uma arquitetura sensível fluida e inclusiva, que permita que suas mensagens flutuem, assim como o

pensamento não dirigido, pode acompanhar a evolução humana, perdurando no tempo como os símbolos.

Em sua influente obra "A arte do pensamento", 1926, o psicólogo inglês Graham Wallas (2014) destaca os quatro estágios ou sequências claras acerca do pensamento criativo descrito pelo filósofo francês Henri Poincaré (1854-1912). O primeiro estágio – preparação – é o período do pensamento dirigido, o indivíduo encontra-se preocupado com as atividades que requerem suas deliberações racionais, no entanto, especialmente quando a pessoa se depara com um problema que não consegue resolver, ou quando inicia um processo de projeção mimética, o pensamento focado chega ao fim, dando início ao segundo estágio – incubação –. As estratégias do pensamento dirigido se mostraram insuficientes para as necessidades do indivíduo, então a mente "muda de marcha", a mente consciente se distrai por outras atividades. Poincaré cita algumas atividades como vitais para o pensamento criativo e para a resolução de problemas, atividades que fornecem nutrição cognitiva ao aplicar ao problema em questão uma perspectiva diferente daquela abordada pelo pensamento consciente da lógica e do raciocínio, entre elas: viajar de ônibus, caminhar pela praia ou beber uma xícara de café.

No evento arquitetônico de Huskinson (2021), o período de incubação pode ser identificado pelo momento em que o indivíduo se sente fundido ao edifício de alguma forma, quando o percebe imaginativamente. Momentaneamente, o pensamento racional do indivíduo se suspende, sua atenção se desvia da percepção literal da obra arquitetônica para se envolver com características mais elusivas, que de outra forma, passariam despercebidas. Uma pessoa distraída se torna menos influenciada por julgamentos racionais da consciência do ego, e assim, mais receptiva ao jogo criativo e imaginativo do inconsciente. O sujeito renuncia a sua capacidade de ser reflexivo e se comporta como o bebê antes do estabelecimento de seu ego cognitivo, não está mais preocupado com pensamentos deliberados e explícitos, semelhante ao bebê, que é mais propenso a se relacionar com o ambiente por meio de atos de projeção. Neste estado, a pessoa permite que a mente inconsciente pense por si, e ela o faz.

A incubação termina "do nada", com a revelação repentina de uma ideia, e a percepção da presença dessa ideia marca o terceiro estágio do processo criativo, a – iluminação –. O quarto e último estágio retorna ao pensamento dirigido e então avalia a ideia inconsciente revelada, solidifica sua validade e, possivelmente, reformula um pouco a ideia para esclarecer enfatizar seu significado. O material que é revelado na iluminação será avaliado pelo ego do indivíduo, que decidirá se aceita ou rejeita os pensamentos recebidos, essa decisão do ego caracteriza o estágio da – verificação –. Se o ego optar por rejeitar tais pensamentos, ele buscará se manter separado deles, reprimindo-os ou afastando-se deles. Caso contrário, o material é integrado à personalidade consciente, que se enriquece com uma atitude mais desenvolvida e objetiva (WALLAS, 2014).

Mas a sensibilidade à arquitetura tem também seus aspectos mais problemáticos. Se um único aposento é capaz de alterar o que sentimos, se a nossa felicidade pode depender da cor das paredes ou do formato de uma porta, o que acontecerá conosco na maioria dos lugares que somos forçados a olhar e habitar? O que

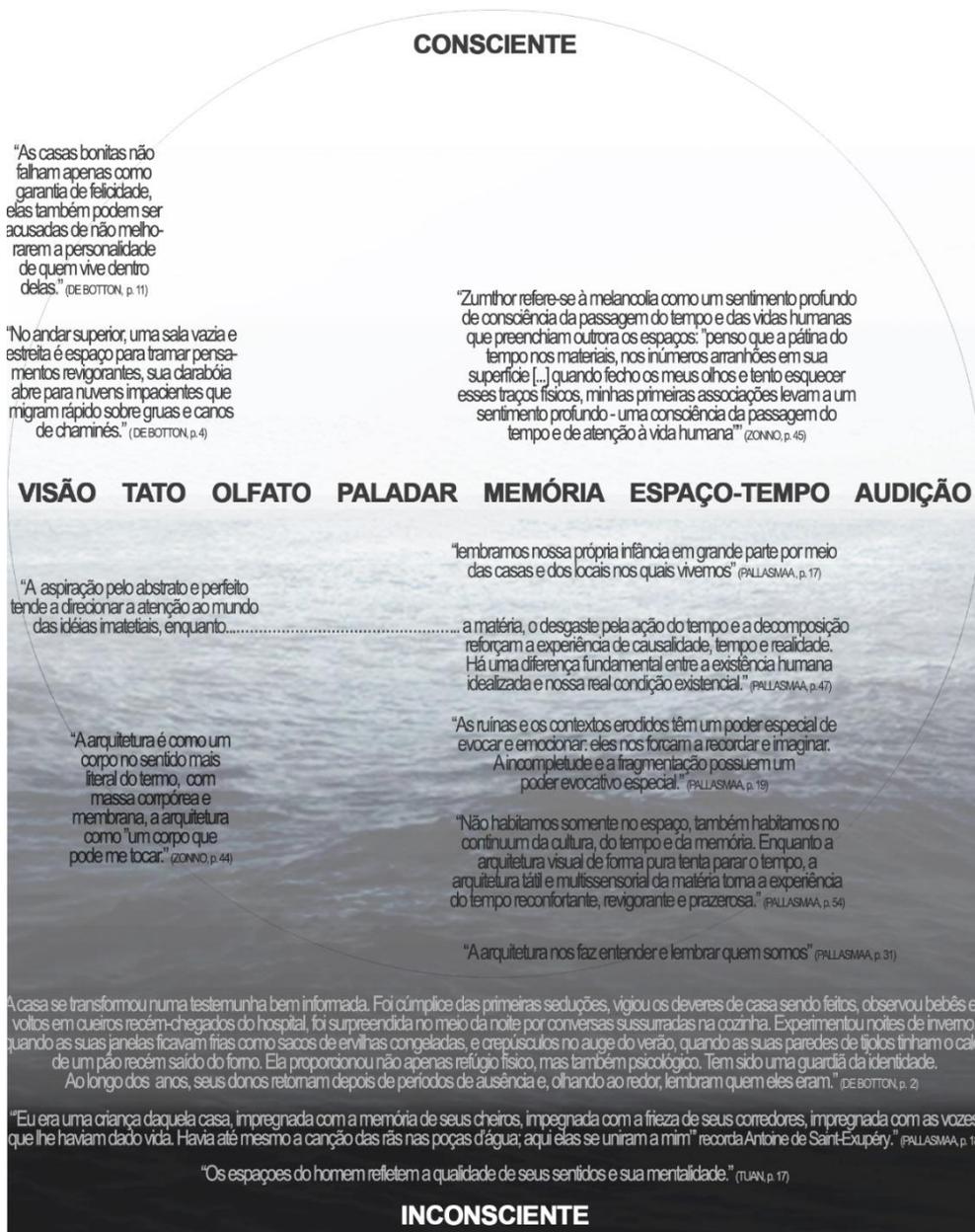
vamos sentir numa casa com janelas que parecem as de uma prisão, carpete manchado e cortinas de plástico? [...] A premissa para se acreditar na importância da arquitetura é a noção de que somos, queiramos ou não, pessoas diferentes em lugares diferentes – cá convicção de que cabe à arquitetura deixar bem claro para nós quem poderíamos idealmente ser (DE BOTTON, 2006, p.15).

Embora a arquitetura seja, muitas vezes, considerada uma disciplina visual, um indivíduo não vê um prédio meramente como uma imagem na retina, ele aborda o edifício como uma experiência multissensorial, confrontando-o com todos os sentidos de uma só vez, vivenciando-o como parte de seu mundo existencial, e não como um objeto externo a si mesmo. Cada obra arquitetônica tem suas características auditivas, táteis, olfativas e até mesmo gustativas que lhe conferem um senso de completude somadas à percepção visual (PALLASMAA, 2018).

Jung (2020) afirma que os edifícios são representações simbólicas da psique, e que os edifícios moldam e transformam os indivíduos. Mesmo a arquitetura da cidade com a qual os sujeitos interagem diariamente pode ser apreciada esteticamente, podendo afeta-los "no fundo do seu ser a cada passo". Os edifícios "abrem perspectivas imprevistas e permitem que coisas inesperadas se tornem conscientes".

Portanto, na tentativa de classificar as interações entre a arquitetura e a psique, e investigar a fundo a relação entre a construção arquitetônica e a construção de identidades, o espectro abaixo busca elencar as interações da arquitetura com cada um dos cinco sentidos, a memória e o espaço tempo, e os componentes da mente. No espectro relacionam-se investigações e afirmações feitas pelos autores Pallasmaa (PALLASMAA, 2018), Tuan (TUAN, 2015), De Botton (DE BOTTON, 2006), e um artigo feito pela professora da UFRJ, Fabiola do Valle Zonno, sobre a construção de memória a partir da arquitetura, reconhecendo lugares poéticos da memória em projetos fenomenológicos de Peter Zumthor (ZONNO, 2020).

Figura 3: Espectro da Tentativa de Classificação das Interações Entre a Arquitetura e a Psique



Fonte: autoras.

A IMPORTÂNCIA DA ARQUITETURA PARA A CRIAÇÃO DE IDENTIDADES PESSOAIS E PARA OS MOVIMENTOS CULTURAIS

Uma certeza: só existo aqui dentro.
Lá fora, sou a mais inesperada sombra,
desenhada com pó e giz
O Labirinto e a solidão (REZENDE, 2007, p.49).

A importância do lugar para movimentos sociais, para a constituição de identidades culturais, para resistências, contrapontos, sonhos, renovações, devaneios e liberdades está justamente na sua indissociabilidade com a experiência do indivíduo e, conseqüentemente, com a sua existência, ou seja, com a sua identidade pessoal. A arquitetura é onde o indivíduo constrói sua proteção existencial e material, e onde ele guarda suas memórias (TUAN, 2015).

Entre a história que se conta e a história que se vive há um entrelaçamento inevitável. Então, faz sentido excluir a subjetividade território fundamental do embate entre tantos afetos que tecem a existência humana? A forma nunca é definitiva ou conclusiva, assim como numa história que se inventa encontra-se o inesperado e o inesgotável, a casa não tem uma única forma, tampouco uma única história. (REZENDE, 2007).

Do abrigo necessário à propriedade. Da demarcação de um lugar geográfico, edificado ou não, até a alusão às origens ou aos mitos humanos. Podemos até dizer que, para muitos, esse espaço pode representar uma parte de nós mesmos, ou nossa extensão simbólica (REZENDE, 2007, p.137).

A experiência arquitetônica e a estrutura narrativa das histórias pessoais são partes de uma única existência: o evento, e os autores deste evento serão sempre aqueles que o viveram, que o narraram e o próprio edifício que o arquitetou (REZENDE, 2007). Portanto, a arquitetura não é apenas um cenário passivo que assiste ao desenrolar das vidas que acomoda, mas é coautora de todas as possíveis experiências vivíveis e narráveis (AMORIM, 2007).

CONCLUSÃO

As diversas literaturas que embasam o artigo, ao serem relacionadas entre si – e elencadas em um espectro que analisa a relação entre a construção arquitetônica e a construção de identidades – contribuem para a sensibilização do leitor acerca da importância da arquitetura e o urbanismo promoverem lugares fluidos e inclusivos, que acompanhem e favoreçam a evolução humana e que possibilitem a construção de identidades saudáveis.

A revisão literária elucidada os meios para que as construções contenham e distraiam os indivíduos, tornando-os menos influenciados por julgamentos racionais do ego, e assim, a arquitetura abre espaço para os pensamentos

da mente inconsciente que poderão ser integrados à personalidade consciente, enriquecendo a identidade pessoal do indivíduo.

Ao sensibilizar o olhar do leitor a respeito das relações entre a arquitetura e a construção da identidade pessoal, o artigo facilita o entendimento da importância de abordagens e problematizações sobre identidades e gêneros para as construções, e encoraja estudos e experimentações urbanas e arquitetônicas que explorem os meios para construir lugares evocativos de identidades saudáveis, afinal:

“Se é verdade, como afirma Adolf Loos no ensaio “Arquitetura” de 1910:

“a arquitetura desperta humores no homem, e a tarefa do arquiteto é, portanto, especificar o estado da alma”; é igualmente verdade que quando uma arquitetura está aberta a provocar emoções é possível transformá-la em uma “lição de arquitetura” (PERUGINI, 1983, apud STORP e WEBER, 2020).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, L. **A casa nossa de cada dia**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

BOLLAS, C. **The Evocative Object World**. 1ª Ed. Routledge, 2008.

CHING, F.D.K. **Arquitetura: Forma, Espaço e Ordem**. 1.Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DE BOTTON, A. **A Arquitetura da Felicidade**. 1. Ed. Rio De Janeiro: Rocco, 2007.

GESELL, A; Ilg, F. L.; Bullie, G. E. Vision. **Its Development in Infant and Child**. New York: Paul B. Hoeber, 1950.

HUSKINSON, L. **Arquitetura e Psique: Um Estudo Psicanalítico De Como Os Edifícios Impactam Nossas Vidas**. 1. Ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 2021.

JUNG, C.G. **O Homem e Seus Símbolos**. 3.Ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

LEFEBVRE, H. **The Production of Space**. Oxford/ Cambridge: Wiley-Blackwell, 1991.

MERLEAU-PONTY, M. **Phenomenology of Perception**. London/ New York: Routledge, 1996.

NORBERG-SCHULZ, C. **Intenciones en architecture**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

PALLASMAA, J. **Essências**. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.

REZENDE, A. P. **A casa nossa de cada dia**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

ROUANET, S. P. **A casa nossa de cada dia**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

STORP, S. e WEBER, P. **Casa Albero**. 2020. Disponível em: <https://casasperimentale.org/research/casa-sperimentale-drawings/>. Acesso em: 5 Mai. 2022.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar: A Perspectiva Da Experiência**. 1. Ed. Londrina; Eduel, 2015.

WALLAS, G. **The Art of Thought**. Tunbridge Wells: Solid Press, 2014.

ZONNO, F. V. **Arquitetura, Paisagem E Memória - A Poética De Peter Zumthor**. Revista Poiésis, Niterói, V. 21, N. 36, P. 35-66, Jul./Dez. 2020.

ZUMTHOR, P. **Atmosferas**. 1. Ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

FIGURAS

ETTORE CLERICI, **Heitor e Andrômaca, Giorgio de Chirico, 1931** (1888 - 1978). Disponível em: <https://br.pinterest.com/eclerici/>. Acesso em: 10 Nov. 22.

REBECA FUKS, **Meus Avós, Meus Pais e Eu, Frida Kahlo, 1936. Urutu, Tarsila do Amaral, 1928**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/obras_grandes_artistas_surrealismo/. Acesso em: 10 Nov. 22.

LA PHOTOLITH, **Paris Expo, Pavilhão da Alemanha, 1937**. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paris-expo-1937-pavillon_de_l%27Allemagne-02.jpg Acesso em: 16 Mar. 2023.

MANFRED NIERMANN, **Pavilhão Alemão na Expo 1958, Bruxelas**. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Expo_1958_German_Pavilion_2.jpg. Acesso em: 16 Mar. 2023.